

**uma pequena
Cosmologia
físico-poética
política e amorosa**

RALF RICKLI

2008 rev.2022

A física e astronomia falam hoje de dois impulsos principais no Universo:

... o de **expansão** (que, segundo a teoria predominante, teria vindo do *big bang*), pelo qual tudo tende a se separar e a se espalhar pelo universo, tendendo a terminar em um nada, de tão rarefeito na infinitude do infinito...

1

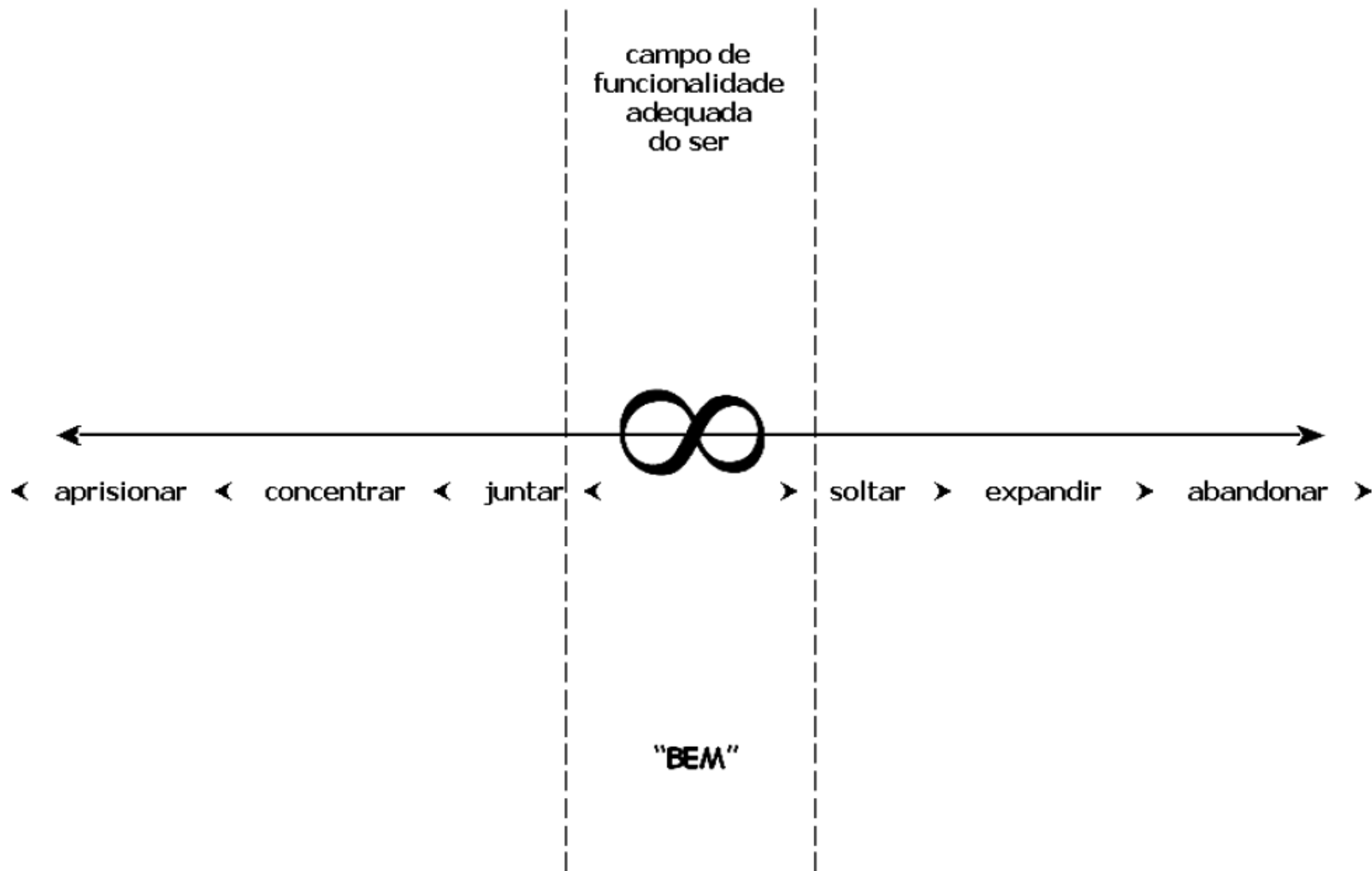
... e o **gravitacional**, pelo qual as coisas tendem a se unir... se apertar umas nas outras... tendendo a terminarem tão apertadas que toda diferenciação seja esmagada, e tão presas umas nas outras que nem a luz escape mais desse lugar: o buraco negro, que, ao contrário do que o nome sugere, é um lugar de *excesso* e não de falta.

E no entanto existem galáxias, sóis, planetas, vida...

Um pouquinho mais de gravidade, e tudo se acabava numa união tão densa que nenhum ser teria chance de existir.

Um pouquinho mais de expansão, e tudo se afastaria tanto que só restaria um vazio...

E se expansão e gravidade estivessem equilibradas com exatidão?
... Então *não* teríamos um mundo equilibrado: teríamos **nada**.



Existir é gingar permanentemente entre duas possibilidades de desequilíbrio.

**Existir é gingar permanentemente
entre duas possibilidades de desequilíbrio.**

2

Existimos enquanto dura a dança. Somos a dança.

Mas a dança só existe se houver dois impulsos opostos brincando de acabar um com o outro, e nunca acabando de fato.

Não estou falando "do Bem e do Mal". Nenhum deles é o Bem.

De cada um deles sozinho, se pode dizer que é mau:

um destrói a vida e a existência em vazio e abandono.

A outro as sufoca em excesso de união e de substância.

E a união total dos dois deixando de lado suas diferenças seria o suicídio universal.

Convívio de diferentes enquanto diferentes – sem se afastarem demais um do outro, sem se unirem ao ponto de anular as diferenças.

Convívio inclusive dessas duas possibilidades de Mal... pois a supressão de qualquer uma delas seria a entronização da outra como Mal.

O Bem nunca está em uma parte separada da outra:

o Bem está *no convívio dos diferentes.*

Observemos um pouco mais:

os planetas não são corpos abandonados no vazio: têm um sol em torno do qual dançar, e em condições especiais até vemos um deles fecundado pela energia do sol, dando nascimento à vida...

3

Mas os planetas não se unem ao sol. Unir-se seria o fim de toda graça. Fim de jogo. Ir embora cada um pro seu lado também.

Tragamos isso para o nosso nível humano (um nível *meso*): de um lado, podemos cultivar uma independência das partes tão extrema que chegue a ser solidão involuntária, desamparo, abandono; de outro, forçar uma interdependência tão extrema que torne impossível a liberdade das partes; que se torne sufoco e prisão.

Mas talvez seja possível encontrar uma faixa em que o impulso de união e o impulso de liberdade dançam juntos, sem se separar e sem se anular... numa dança que é provavelmente o que mais merece o nome de **amor**.

O amor separa ou une? O amor prende ou liberta?

Parece-nos que um amor digno desse nome

une sem prender, liberta sem abandonar.

Ou seja: **amor é uma condição análoga ao jogo de forças que faz nosso Universo existir.** *Será então que esse jogo não é o próprio amor?*

Formulações já antigas parecem apontar nessa direção:

China:

a existência como a dança perpétua do impulso yang e do impulso yin, os dois gestos do Tao (a realidade última além da nossa compreensão);

Índia:

o Universo como a dança que a divindade faz existir a cada instante com seus dois pés em movimento;

Cristianismo:

“Deus é amor.” Ou quem sabe:

“A condição pela qual tudo existe tem a natureza do Amor”.

A cada momento cada um de nós é tentado a dominar.

Mas se de fato ama, não quererá ver o outro destituído da sua dignidade humana, dignidade que vem toda do poder de escolher por si.

A cada momento cada um de nós é tentado a abandonar.

Mas enquanto o amor está em nós, está também a **responsabilidade voluntária** pelo que se fez – marca de todo ser que cresceu e já não só recebe, mas se tornou capaz de gerar.

(Afim, o amor é ou não é capacidade de gerar?)

A cada momento uma escolha. Para lá do mero impulso espontâneo, animal, que vem e que passa, o amor é *a cada instante* um ato de decisão.

E não faz sentido falar de amor senão quando se exerce a capacidade de escolha: **liberdade.**

Não se verdadeiramente cria senão por amor,
e não se verdadeiramente cria senão por decisão interna livre do nosso ser.
Sem liberdade fazem-se coisas. Mas não se cria.

Liberdade e amor são duas capacidades de uma coisa só: daquilo em nós que é capaz de criar.

Daquilo que é capaz de criar.

Daquilo que é capaz de criar, seja em nós, seja onde for.

Mas nada existe se não tiver primeiro se feito **dois**.

Dois que dançam um com o outro, sem voltar a ser um, e sem deixar de ser um: um *par*.

**Não existe existir sozinho:
só existe existir *com*.**

Com-viver.

Não existe apenas viver, sem "com";
todo viver depende de que também vivam outros que vivem *com*.

Rede.

Não aceitar o *com* é investir em que a existência se extinga.

– E por que não? *Existir é tão difícil...*

Mas... será mais fácil o *desistir*?

Tentar desistir, como é?

É como arrastar consigo um mundo moribundo, eras a fio...
com todas as partes em sofrimento...

só porque não queremos mais existir – mas, querendo ou não,
enquanto ainda existimos, existimos-com!

Mas por que, afinal, algo veio a existir?

Não, não me responda!

Não será verdade, não importa o que você disser,
nem o que eu disser!

E se ficarmos parados esperando a resposta, não por isso vamos
deixar de existir: vamos seguir existindo em sofrimento-com –

... por não estarmos nos doando o suficiente pra que existir seja **dança**.

E, sendo dança, seja **prazer**.

Dança-com-e-prazer-com.

Aceitar existir, apesar de todas as dificuldades, talvez seja
o princípio do fim das dificuldades.

Desde que se entenda que existir é existir-com.

Mesmo com todas as dificuldades, conceder que a existência exista, e funcione, mediante aceitar o "com": esse é o ato do amor.

E sem ele nada do que foi feito se fez. *

* Do Evangelho de João (1:2).

"Deus é amor" (Seção 3) se encontra em I João 4:16.

Este texto foi concebido em 2008 como capítulo final do opúsculo **Liberdade socialmente sustentável: uma introdução à Filosofia do Convívio e a algumas das suas aplicações**, disponível em www.tropis.org/biblioteca/libsocsus.pdf , onde texto se encontra com o título *O nível cosmológico: o convívio como constituinte da realidade*.

Com o título *O fundamento último do pensamento convivial*, foi incluído ainda como Apêndice IV (final geral) na monografia de pós-graduação **Aos que podem salvar o mundo: a Filosofia e Pedagogia do Convívio e seu apelo por uma nova consciência & arte dos pais**, disponível na íntegra em <http://www.tropis.org/biblioteca/aosquepodemsalvaromundo.pdf> .

Em 13.04.2011 foi publicado na **Biblioteca Virtual Trópis** como separata em PDF, ganhando a presente formatação. O texto atual passou por uma ligeira revisão em 12.11.2014, e uma revisão mais profunda em 08/09/2022.

O endereço desta versão revista no presente formato é:
<http://www.tropis.org/biblioteca/cosmopoliticamor.pdf> .

Contato com o autor:

ralf.r@tropis.org